

Prioridades para a cultura

Nova Secretária de Cultura, Maria Luiza Dornas, afirma que formação será prioridade nas ações do Governo do Distrito Federal

Investir em formação. Tanto de público quanto dos artistas. Essa é a prioridade da nova secretária de Cultura, Maria Luiza Dornas, que toma posse hoje junto com o governador eleito Joaquim Roriz e recebe a transmissão de cargo na segunda-feira. Diretora-executiva da Fundação Cultural do Distrito Federal de 1991 a 1994, Luiza demonstra a tranquilidade de quem vai assumir uma missão para a qual se acha preparada. Mesmo desafios com a fusão da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural não parecem abalar a nova Secretária de Cultura. Até que o grupo de trabalho a ser criado por Roriz conclua o projeto de fusão, Luiza vai acumular a função de secretária e diretora-executiva da FCDF. Para os preocupados com as mudanças que ocorrerão nos projetos coordenados por sua pasta, a nova secretária adianta: "não há a intenção de interromper projetos de qualidade". Entre eles está o Temporadas Populares que, garante Luiza, será mantido, talvez com algumas reformulações.

Em entrevista ao **Jornal de Brasília**, Maria Luiza Dornas falou sobre suas propostas para a cidade, sobre a atuação do governo Cristovam na área cultural e sobre os desafios que enfrentará em sua gestão.

- Quais são suas propostas para a área cultural?

- Existe um projeto de governo elaborado para o governador Roriz. A gente está há mais de um ano se reunindo com a comunidade cultural e a comunidade em geral, levantando os anseios da própria área e o que a população deseja. Esse documento tem mais de 70 itens. Agora a gente vai discutir em uma comissão de pessoas notórias da área de cultura para estabelecer as prioridades. Já posso adiantar que, seguindo a linha geral do governo, nós vamos trabalhar em cima da geração de empregos e tentar colaborar com a diminuição da violência, criando projetos em todas as cidades satélites, como núcleos de cultura, fazendo convênio com a área educacional, abrindo as escolas de noite, (eu já conversei com a professora Eurides Brito sobre isso), como também dando treinamento na área de artesanato, música, teatro, dança, expressão corporal, utilizando primeiro as estruturas já existentes e depois construindo e adaptando espaços. Essa é a maior demanda da comunidade das cidades de Brasília, porque os jovens ficam desocupados fora do horário escolar e se queixam de falta de oportunidade de ensaiar, de mostrar um trabalho. Vamos investir também na formação e qualificação de técnicos, como operadores de som, figurinistas, eletricitista, tudo para a área de cultura. Hoje, as indústrias que mais geram dinheiro no mundo inteiro são as indústrias do turismo e da cultura. A gente precisa treinar mão-de-obra para isso. É projeto do governador a construção de um museu e de uma biblioteca, que é a complementação do complexo da Esplanada dos Ministérios, composto pela Biblioteca Pública, o Museu Nacional e o Arquivo Público. Esse complexo já tem projeto do Oscar Niemeyer e o governador está empenhado em consolidá-lo. E, para isso, vamos precisar de mão-de-obra qualificada.

- Então, o carro-chefe da sua administração vai ser a formação?

- Formação e informação do público platéia e do público artista, direcionando principalmente para a juventude. Para isso, vamos trabalhar juntos com a Secretaria de Educação. Já conversei com a professora Eurides Brito e ela aprovou. Na formação, pretendemos nos aliar à Secretaria de Trabalho e usar recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Esta vai ser uma prioridade. Mas existem outras também. A gente quer colocar Brasília como a capital do país também na área cultural. Nesse campo, perdemos muito nos últimos anos. Antigamente, nós tínhamos a oportunidade de ver mais espetáculos internacionais, que iam ao Rio e São Paulo e depois para Brasília. Ultimamente, estão vindo poucos. Nós somos



Luiza Dornas: "Agente está há mais de um ano se reunindo com a comunidade cultural. Levantamos um documento com setenta itens"

a capital do país, precisamos envolver mais as embaixadas, precisamos levar atividades nossas para fora e trazer outras para cá.

- Como você avalia a gestão do governo Cristovam na área de cultura?

- Olha, eu acho que faltou fomento. Hoje, os artistas que se apresentam são remanescentes do Projeto Platéia e de outros projetos. Houve muitas oportunidades para apresentação, como no Temporadas Populares, mas faltou oportunidade de formação, oferecendo cursos, principalmente para o setor mais carente da população. Outra coisa: não se favoreceu locais para ensaio, as bandas reclamaram muito, os locais que existiam foram fechados, as escolas não deram espaço para isso.

- Quanto à continuidade dos projetos criados pelo governo Cristovam, como o Temporadas Populares? No Brasil, há uma tradição de acabar com o que o governo anterior fez de bom. Você mesma, ao deixar a diretoria-exe-

cutiva da Fundação em 1994, sofreu isso, quando extinguiram iniciativas como o Projeto Sarau e o Made in Brasília. O que você pretende fazer, então, com os projetos do governo que agora deixa o Palácio do Buriti?

"O Temporadas Populares é um excelente projeto. Mas ele peca em não levar formação. Não há intenção, de forma alguma, de interromper projetos de qualidade"

- Não vou acabar com os projetos, a gente não tem esse defeito. Quando eu fui diretora-executiva da Fundação, a

gente inclusive ressuscitou alguns projetos, como era o caso do Projeto Sarau, que não era projeto nosso. Também demos apoio à Feira de Música e criamos os editais de apoio financeiro. Hoje, esses editais continuam, só os nomes mudaram. Na área de música, virou o Prêmio Renato Russo. Em teatro e dança, virou Aluísio Batata. O Temporadas Populares é um excelente projeto. Eu acho que ele peca só no sentido de não levar formação. Acho que paralelamente deveria haver essa preocupação. Agora, estou preocupada porque a informação que nós temos é que não foi tomada nenhuma providência para o Temporadas acontecer agora em janeiro. Isso deveria ser feito pelo menos com três meses de antecedência. Quando o governo Cristovam assumiu, eles levaram um ano para fazer o primeiro. A gente que tem experiência na área sabe que é muito difícil fazer um projeto como este, mas nós faremos. Não sei se nos mesmos moldes do Temporadas,

mas Brasília vai ter nas férias atividades culturais tão boas quanto é o Temporadas. Não há intenção, de forma nenhuma, de interromper projetos de qualidade.

- Como você avalia a reforma administrativa que vai fundir Secretaria de Cultura e Fundação Cultural?

- Eu sou a favor dessa mudança. A Secretaria funciona no mesmo prédio da Fundação, no mesmo andar. Em menos de cem metros existem dois departamentos administrativos, dois serviços de transportes, dois financeiros, dois protocolos. Então, o funcionário de um setor não quer trabalhar no outro porque não é lotado lá. Um documento que sai da Secretaria para a Fundação tem de ser protocolado duas vezes, o que é um absurdo. Isso é um gasto de papel, de energia elétrica, de serviço de pessoal. Só dificulta o trabalho. Eu acho que a fusão dos dois órgãos será boa até para corrigir os desvios de função que hoje existem muito, o diretor da 508 Sul ocupa um cargo de diretor do Panteão, o diretor do Teatro ocupa um cargo de assessor legislativo. Isso porque não há quadros. Com a reforma, será possível corrigir estas distorções, economizar recursos e melhorar o salário de alguns cargos que precisavam de pessoas mais qualificadas.

- E quais são suas idéias para captar recursos diante da crise econômica que atingiu o país?

- No governo Cristovam, não houve uma redução de recursos porque houve patrocinadores do próprio governo, como é o caso de CEB, Caesb e BRB, que alocaram bastante dinheiro na Fundação Cultural. Se você somar, não houve uma queda. Como eu acredito que no nosso governo vamos ter que buscar recursos na iniciativa privada, é mais que urgente a reformulação da Lei de Incentivo à Cultura (Lei Magela) que hoje é ultrapassada, emperrada, ela não resolve nem o problema do artista e nem o do empresário que quer investir na atividade artística. Então, a reformulação da lei será uma das primeiras iniciativas nossas, colocando-a nos moldes das que existem em outros estados e que vêm dando certo.

- E quanto aos espaços culturais que hoje estão fechados, como o MAB e o Museu do Índio?

- Estranhei muito quando fecharam o MAB, porque mesmo com os defeitos que ele tinha, havia uma reserva técnica, um local próprio para guardar as obras, climatizado. E no MAB, mesmo com problemas, às vezes até com goteiras, as obras todas estavam lá, bem guardadas e podiam ser expostas. Fecharam o MAB para uma reforma sem antes ter os recursos. Hoje, as obras estão espalhadas na Secretaria e na Fundação sem os cuidados corretos. Isso me preocupa muito. Está havendo o Prêmio Brasília de Artes Plásticas, criado na nossa época, que adquire obras e essas obras continuam também fora do Museu. Nós vamos ter de arrumar um espaço para guardá-las e expô-las. Da forma em que o MAB se encontra agora, será preciso realmente aguardar recursos para a reforma.

- Os músicos da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santor o fizeram um abaixo-assinado que será entregue ao governador Roriz pedindo mudanças na Orquestra. Quais são seus planos para ela?

- A gente está muito preocupado com a Orquestra. Ela perdeu muito do status que tinha, está queixosa. É uma preocupação especial do governador resgatar esse status, fazendo com que a Orquestra volte a representar Brasília nos grandes eventos, como é o caso de Campos do Jordão. A gente vai entrar de sola apoiando a orquestra. Hoje eles têm um uniforme que data da nossa época, não foi comprado nenhum instrumento, não foi feito concurso, o quadro está defasado, para cada concerto são contratados mais de 20% de músicos extras. Então, a orquestra realmente nos preocupa e vai receber uma atenção especial.